

A reconstrução das práticas educativas e a arte de escolher

1

Adriano Rodrigues Ruiz*

Resumo: A internet revolucionou o mundo da informação e da comunicação ao fornecer matéria-prima para o conhecimento e o acesso a novos vínculos cognitivos. Com isso, configura-se um contexto próprio para a renovação do rol de compromissos educacionais. A partir dessa percepção, este ensaio aborda desafios que ganharam relevância, como é caso do apreço à autoria; da paciência para aprender e do cuidado com a disciplina intelectual; do zelo na escolha; do convívio amigável com as incertezas; e da ousadia na construção de projetos. Vive-se uma oportunidade convidativa à liberação da imaginação em busca de utopias com vistas à reconstrução das práticas educativas.

Palavras-chave: Internet. Senso de autoria. Paciência para aprender. Incertezas. Utopias.

Abstract: Internet has revolutionized information and communication world by providing material for knowledge and access to new cognitive ties. So, there is a particular context to renew educational commitments. From this perception, this paper approaches challenges that became relevant, such as authorship value, patience to learn and attention to intellectual discipline and choices, friendly relationship with uncertainty, and daring on building projects. We live an inviting opportunity to imagination searching for utopias facing the reconstruction of educational practices.

Keywords: Internet. Authorship sense. Patience to learn. Uncertainties. Utopias.

* Doutor em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (Feusp). Docente no Programa de Mestrado em Educação da Universidade do Oeste Paulista (Unoeste). Área de pesquisa: Formação docente no contexto das tecnologias de comunicação e informação.

Introdução

Fomos alcançados por mudanças radicais na maneira de se ter acesso a informações e quanto às possibilidades de comunicação. De catalogadores de informações passamos a selecionadores; da comunicação restrita a interlocutores próximos, fomos alçados a um universo de incontáveis interlocutores libertos das limitações espaço-temporais; da organização enciclopédica do conhecimento chegamos à miscelânea.

Como complemento, ocorre a tomada de consciência mais ampla dos limites de nossa capacidade de leitores da realidade, e isso traz aberturas para comportamentos cognitivos mais humildes e despertos ao diálogo e à negociação de significados que nos permitem mudanças conceituais que enriquecem nossa compreensão de mundo.

Isso anuncia que vivemos uma fase propícia a olhares cuidadosos e compassados, direcionados à educação, às suas práticas, aos seus desafios e aos possíveis alentos a utopias. Experimentamos a oportunidade de ampliar nosso universo de interlocutores para a colaboração cognitiva.

Ao discorrermos sobre possibilidades e desafios, tomamos por pano de fundo o contexto em que a sociedade conta com um arsenal renovado, tendo acesso às Tecnologias de Comunicação e Informação (TICs) que desfrutam de largo prestígio e aceitação. No mundo pedagógico, possibilidades promissoras e preocupações com possíveis desvios éticos e/ou cognitivos ganham vulto.

As mudanças do ferramental tecnológico disponível anunciam a oportunidade de renovar diálogos com a realidade e, também, de dar asas à imaginação para a formulação de novas utopias. Do enlace realidade e utopias, entre múltiplos desafios que podem ser percebidos, pontuamos: o apreço à autoria; a paciência para aprender e o cuidado com a disciplina intelectual; o zelo na escolha; o convívio amigável com as incertezas; e a ousadia em nossos projetos.

Desafios percebidos

O computador revolucionou o mundo da informação e possibilitou novos canais para a comunicação, colocando-nos em contato com incontáveis interlocutores. Assim, o instrumental disponível abre portas de bibliotecas, permite que nos desloquemos por um vasto mundo de informações, fornece matéria-prima para o conhecimento e novas alternativas de vínculos interpessoais.



Uma situação dessa natureza é convidativa à escuta atenciosa de diferentes vozes, especialmente daqueles que dizem que a vocação do humano é para a autoria, a paciente busca na arte de conhecer, o desafio de fazer escolhas, o zelo com a disciplina intelectual, o fascínio do convívio com incertezas e os desafios e as possibilidades oferecidos por um mundo em miscelânea.

Valendo-nos do interior dessa teia de perspectivas, tomamos como eixo de nossa reflexão as perguntas: Como conceber reconstruções educacionais? Quais serão nossas âncoras nessas navegações?

O apreço à autoria

Nos passeios pelo mundo da criação, um percurso importante é o da autoria. Trata-se da reconstrução de algo com marcas de nossa singularidade. Seja um texto que expressa uma compreensão, seja um poema, fruto de um momento de êxtase, seja uma foto que registra um despertar de sensibilidade...

O senso de autoria é a bússola a situar o nosso eu no diálogo com outros eus. Não somos meros consumidores de arte, filosofia, ciência... Nossa vocação é para a autoria.

Com as tecnologias, especialmente a internet, ganhamos ágeis naves para transportar criações de diferentes matizes a múltiplos apreciadores-leitores. Nunca autores desprovidos de recursos financeiros tiveram tantas possibilidades de levar tão longe suas criações, seja por meio de palavras, seja por meio de imagens, seja por meio de sons.

Na singeleza desta argumentação, queremos destacar que vale a pena a educação colocar entre seus compromissos mais nobres o cultivo do respeito e o zelo à autoria, tanto à própria quanto à do outro.

A internet oferece amplas vias de informação e comunicação, e isso abre espaços a diferentes maneiras de as pessoas se relacionarem com suas produções intelectuais. Uma das vias promissoras é a que busca formas colaborativas de aprendizagem, com a aproximação entre educação e comunicação. Por essa via, ampliam-se as oportunidades de compreensão da importância do outro em nossas elaborações cognitivas e afetivas. Abrem-se convites à autoria.

Porém, nessa diversidade, por vias obscuras, ganha robustez uma prática que carrega marcas de renúncia à autoria, manifestada com clareza na confecção de alguns trabalhos escolares – inclusive de pós-graduação *stricto sensu*.



Essa cultura caracteriza-se pelo desprezo à autoria, sua história tem as páginas iniciais escritas bem antes do advento da *web*. Contudo, a *web* é um marco de seu fortalecimento e, contraditoriamente, de sua fragilização. Ganha força com a generosa oferta de obras de fácil acesso e se fragiliza pela facilidade de se descobrirem procedimentos desrespeitosos à autoria.

Por essa via, manifestam-se com clareza duas estratégias: a primeira, caracterizada como destinada à economia de tempo – por esse caminho várias páginas são “escritas” com diminuto dispêndio de tempo. A segunda lembra um artesão sem paixão pela arte, fazendo algo que lembra um mosaico, sem zelo estético. É um processo paciente de recorte e colagem de parágrafos e até mesmo de frases. As páginas são compostas lentamente e não permitem a fluidez nem a compreensão em sua leitura. Elas não recebem do autor o sopro de vida.

Nesse sentido, entendemos como recomendável a ênfase na ética do amor próprio, defendida por Savater (2000) – as pessoas precisam interessar-se mais por si mesmas. Trazendo ao contexto desta reflexão, as pessoas têm o compromisso ético de se construírem como dignas de crédito e de respeito intelectual.

É indispensável que a escola seja um espaço privilegiado de atenção respeitosa à autoria, que o espírito da criação ganhe asas como expressão de singularidade e de trocas interpessoais, que o copiar/colar também conhecido em nossos dias como *controlc-controlv*, não se torne expressão forte nos fazeres escolares.

Silva (2008), ao discutir o plágio no contexto acadêmico, como ato que se consolida a partir dos hipertextos digitais, em detrimento da construção da autoria, alerta sobre a necessidade de serem abertos espaços objetivos e subjetivos na universidade para que a autoria se efetive.

Talvez estejamos vivendo o momento de amainar a pressa, refinar decisões e corrigir desvios que insistem em alcançar o pedestal das coisas naturais, amparadas pelo malsinado: todos fazem!

A paciência para aprender

Tedesco (2001, p. 70) salienta que as tecnologias “nos dão informações e permitem a comunicação, condições necessárias do conhecimento e da comunidade”. O autor adverte, contudo, que “a construção do conhecimento e da comunidade é tarefa das pessoas, não



dos aparatos”. A contribuição da tecnologia é permitir que o tempo “que agora é utilizado para transmitir ou comunicar, seja dedicado à construção de conhecimentos e vínculos, sociais e pessoais, mais profundos”.

Contraditoriamente, ao invés de tranquilidade para comportamentos mais reflexivos, as tecnologias trouxeram e continuam trazendo um forte sentimento de pressa, de urgência. Cortella (2006, p. 19) alerta que “a rapidez em todas as áreas aparece com um poder quase despótico e como exclusivo parâmetro para aferir se alguma situação, procedimento ou relação, serve ou não serve, é boa ou não”.

Com percepção similar, Fromm (s. d., p. 100) lembra-nos de que, nos últimos séculos, o homem ocidental tem vivido obcecado pelo trabalho e pela necessidade de atividade constante. A preguiça e a atividade compulsiva são identificadas por Fromm como complementares, pois a mutilação da atividade produtiva dá lugar à inatividade ou à atividade excessiva. Assim, a “atividade produtiva caracteriza-se pela alternância rítmica entre atividade e repouso. Trabalho, amor e pensamento produtivos só são possíveis se a pessoa pode ficar, quando necessário, quieta e a sós consigo mesma”.

Nossas viagens, na aventura de conhecer, se empobrecem quando pressionadas pelo sentimento de urgência, sob o tic-tac de relógios apressados. A vida intelectual exige paciência, algo que lembra Kasner e Newman (s. d.) ao afirmarem que as pessoas inteligentes, enfasiadas com o ritmo nervoso da própria existência – sob o impacto dos acontecimentos cotidianos – estão ávidas de saber algo dos conhecimentos adquiridos por vidas mais contemplativas e sossegadas, reguladas por um relógio mais lento e mais compassado que o seu próprio.

A vida escolar, sob o império da pressa, parece conduzida pela crença em aprendizagens imediatas, geradas pelas atividades de ensino. Isso leva Chevallard, Bosch e Gascón (2001) a apontarem o estudo como elo perdido entre ensino e aprendizagem.

Ao se entregar ao enlevo da velocidade, o humano separa a ação da reflexão, perdendo o talento para se deter no ainda não conhecido, em possíveis analogias com situações já vividas, na tomada de distância para perceber melhor as coisas, para pôr à prova evidências, e para tirar as verdades de seus pedestais. Automatiza procedimentos e caminha pelos sulcos profundos das rotinas.



Cabe à escola se assumir como espaço de paciência, de diálogo e negociação de significados. A redescoberta do estudo, livre da sensação de urgência, é um caminho de emancipação intelectual.

O zelo na escolha e a miscelânea

A organização do conhecimento mudou radicalmente. Hoje temos “montanhas” digitais que precisam ser filtradas e organizadas pelos próprios usuários. O antigo rigor de organização prévia, oferecida por especialistas dentro do modelo das clássicas enciclopédias, deu lugar, nas palavras de Weinberger (2007), “a uma nova desordem digital”.

Para Weinberger (2007, p. 228), durante muito tempo, a tarefa cultural foi criar conhecimento; no “mundo em miscelânea, a tarefa é criar significado. Certamente, o conhecimento que mudará nossa vida por meio da ciência e dos negócios será burilado por alguns”. O lugar dele “será na rede sempre presente de significado social.” (p. 228). O conhecimento não é nosso único projeto ou nosso apelo maior. “Fazer sentido daquilo que sabemos é tarefa mais ampla e consiste em adquirir compreensão dentro do contexto do significado.” (p. 228).

As diferentes mídias trazem à tona um oceano de informações, em uma ampla desordem; somos desafiados a selecionar e atribuir significação àquilo que identificamos como pertinente a nosso universo de interesses.

Parte significativa das mensagens que recebemos via *e-mail* trazem informações ou dados falseados. Quem já não recebeu um poema atribuído, falsamente, a Fernando Pessoa? Um que circula na internet como se fora do poeta português é este:

Felicidade
A felicidade exige valentia.
Posso ter defeitos, viver ansioso e ficar irritado
algumas vezes, mas não esqueço de que minha vida é a maior
empresa do mundo, e posso evitar que ela vá à falência.

Ficou nos registros do passado o tempo em que pais e professores tinham significativo controle sobre os ensinamentos e as informações que deveriam chegar aos mais jovens. O mundo da miscelânea, anunciado por Weinberger (2007), é o da escolha, das decisões e, por isso mesmo, convidativo à autonomia. Freire (2001, p. 107) enfatiza que ninguém



“é autônomo primeiro para depois decidir. A autonomia vai se construindo na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas”. Por conseguinte, a pedagogia da autonomia “tem que estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitosas da liberdade”. (p. 107).

No terreno da escolha, Martín-Barbero (2009) destaca que, atualmente,

há tanta informação que é muito difícil saber o que é importante. Mas o problema para mim não é o que vão fazer os meios, mas o que fará o sistema educacional para formar pessoas com capacidade de serem interlocutoras desse entorno; não de um jornal, uma rádio, uma TV, mas desse entorno de informação em que tudo está mesclado. Há muitas coisas a repensar radicalmente. (p. 10).

Com essa tomada de consciência, o mundo educacional em construção necessita ser o espaço de experiências em que os alunos se percebam coconstrutores da escola, da sociedade e da cultura. Cabe a eles descobrirem o gosto pelo compartilhamento de escolhas e de compreensões.

A incerteza e a liberdade de pensamento

Nas discussões de natureza epistemológica, amplia-se a tomada de consciência do caráter contingente da realidade percebida. Savater (2004) argumenta que, por mais cuidadosos que sejamos, nossas convicções mais bem-documentadas podem se revelar equivocadas, antes ou depois. “Os erros desanimam os apressados e os nostálgicos que anseiam a preservação dos dogmas, mas ensinam pouco a pouco aos demais.” (p. 109).

Com a compreensão do caráter não perene de nossos conhecimentos, a ferramenta intelectual que nos move é a pergunta. Ela domina a magia de abrir fronteiras cognitivas ao tirar de pedestais certezas que irradiam arrogância cognitiva que impede a correção de erros.

Por isso, Moreira (2008, p. 11) argumenta que o “homem aprende corrigindo seus erros. Não há nada errado em errar. Errado é pensar que a certeza existe, que a verdade é absoluta, que o conhecimento é permanente”.



A aceitação do caráter limitado de nossas respostas tem potencial dialógico e emancipador. A esse respeito, Savater (2006) escreveu:

Eu não acho que todas as opiniões são respeitáveis: só as pessoas são. Quanto às opiniões, o melhor é discuti-las e remexê-las a fundo, para saber se estão bem fundamentadas. É a única maneira de aumentar nosso conhecimento sobre a realidade. (p. 136).

Em um contexto dialógico, colocar uma opinião sob o crivo da dúvida é um convite à coparticipação no ato de pensar e de negociar significados. Por essa via, sem vozes determinantes, a educação escolar exploraria novos modos de perceber, sentir, ouvir e ver.

A compreensão da incompletude de nossas leituras aponta para o zelo na formulação de perguntas. A tomada de consciência de que nossas leituras da realidade são sempre parciais e contaminadas pelas idiosincrasias pessoais, abre horizontes para posturas mais humildes e colaborativas na arte de construir significados. Amplia-se a compreensão da importância do outro em nossas elaborações cognitivas, e compartilhar saberes ganha importância. Por isso, permitir que cada pessoa conheça seus limites e se descubra autora são passos preciosos de qualquer educação que pretenda ser emancipatória.

A ousadia em nossos projetos

Bruner (2006, p. 172), ao escrever sobre os desafios da educação, lembra-nos que talvez o mais importante seja o levantamento de novas hipóteses que não considerem correto aquilo que se tornou habitual, e que “tenhamos a coragem de reconhecer o que não entendemos e nos permitir um olhar novo e inocente”.

Nossos projetos educacionais não podem estar presos ao presente, necessitam voltar-se a um mundo que ainda não existe, que pretendemos construir. Precisamos de projetos não inteiramente exequíveis, que deem rumos a buscas, à empreitada de perceber horizontes.

Com essa percepção, Moran (2008, p. 7) declara que o “foco para mudança é desenvolver alunos criativos, inovadores, corajosos. Alunos e professores que busquem soluções novas, diferentes. Que arrisquem mais, que [se] relacionem mais, que saiam do previsível, do padrão”. Um caminho possível para isso é a educação na cidadania.



Martín-Barbero (1999, p. 39) assevera que o preparo de cidadãos requer uma educação “capaz de ensinar o mundo de forma cidadã, ou seja, capaz de criar jovens com mentalidade crítica, questionadora, desajustadora da inércia em que as pessoas vivem” e, também, “que renove a cultura política para que a sociedade não busque salvadores, mas gere formas de convívio e respeito para com as regras do jogo da cidadania, desde as leis de trânsito até o pagamento de impostos”. (p. 39).

Moreira (2008, p. 6) advoga que é “a partir da aprendizagem significativa crítica que o aluno poderá fazer parte de sua cultura e, ao mesmo tempo, não ser subjugado por ela, por seus ritos, mitos e ideologias”. Com base nessa aprendizagem, poderá lidar “com a mudança sem deixar-se dominar por ela, manejar a informação sem sentir-se impotente frente a sua grande disponibilidade e velocidade de fluxo, usufruir e desenvolver a tecnologia sem tornar-se tecnófilo” (p. 6). Assim, “poderá trabalhar com a incerteza, a relatividade, a não-causalidade, a probabilidade, a não-dicotomização das diferenças”. (p. 6), com a compreensão de que o conhecimento é construção (ou invenção) nossa, que representamos o mundo e nunca o captamos diretamente.

Referindo-se à imersão midiática, Martín-Barbero (1999, p. 40) alerta que a ideia de pessoas livres significa que sejam “capazes de ler a propaganda e saber para que ela serve, e não que se submetam a uma lavagem cerebral; pessoas capazes de se distanciar da arte da moda, dos livros da moda; pessoas que pensem com sua cabeça”.

Como pano de fundo para culturas de aprendizagem mais despertas está a compreensão de que precisamos de uma forma nova de perceber, de pensar e de conhecer. O caminho do conhecer é favorável a um clima intelectual mais diligente na formulação de perguntas a respeito do devir humano, de suas vocações, da necessidade de superação de predisposições mentais que nos empurram para a tutela.

Talvez a palavra-chave seja *esperança*, sobre a qual Alves (2007, p. 86) escreveu: “Vê o que não existe no presente. Existe só no futuro, na imaginação. A imaginação é o lugar onde as coisas que não existem, existem. Este é o mistério da alma humana: somos ajudados pelo que não existe.”

Quando o assunto for projetos educacionais, precisamos dar mais espaço à imaginação, permitindo-lhe bons voos, deixando-a ir mais distante que os relatórios recheados de informações e prognósticos.

Algumas considerações para finalizar

Tanto na vida pessoal quanto na profissional, somos propensos a conviver com temores e sonhos. Se a voz predominante fosse a dos temores, teríamos escrito uma distopia educacional que poderia ser tecida com base em um cenário em que estivesse em destaque o desrespeito e a renúncia à autoria, a preocupação em economizar tempo, o cuidado com o armazenamento de informações, o apego a certezas e o desejo de que nossos projetos educacionais estivessem presos à realidade vivida.

Mas entendemos que cabe à educação cultivar o sonho para se alcançar lugares que (ainda) não existem. Por isso, liberar a imaginação precisa ser um exercício frequente do professor.

No lugar educacional que enxergamos, a autoria é percebida como uma extensão da identidade da pessoa ou do grupo que se empenha criativamente; as pessoas gostam de se refugiar em espaços abertos à reflexão, controlados por relógios compassados, que não atropelam os comportamentos contemplativos que se detêm em detalhes e em suas múltiplas teias; há cuidado na escolha para diferenciar o que é potencialmente significativo do que é descartável. No trato dos conhecimentos, as posturas são humildes, há a compreensão de que necessitamos de interlocutores para aprimorar nossas leituras.

As TICs exercem impacto no modo de organização, produção e utilização do conhecimento. Isso gera o compromisso de avaliação e reconstrução dos percursos delineados no mundo da educação. Diante desse desafio, a ousadia pode ser a melhor conselheira quando colocamos a reconstrução das práticas educativas em foco, a imaginação precisa ganhar asas e ir longe.

Referências

- ALVES, R. *Perguntaram-me se acredito em Deus*. São Paulo: Planeta, 2007.
- BRUNER, J. *Sobre a teoria da instrução*. São Paulo: Ph, 2006.
- CHEVALLARD, Y.; BOSCH, M.; GASCÓN, J. *Estudar matemáticas: o elo perdido entre o ensino e a aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- CORTELLA, M. S. *Não nascemos prontos!* Petrópolis: Vozes, 2006.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- FROMM, E. *Análise do homem*. São Paulo: Círculo do Livro, s/d.
- KASNER E.; NEWMAN, J. *Matemáticas e imaginación*. Buenos Aires: Hachette, s/d.
- MARTÍN-BARBERO, J. Novos regimes de visualidade e descentralizações culturais. *Mediatamente!*, Brasília: Ministério da Educação/Seed, 1999.
- _____. Comunidades falsificadas. *Folha de São Paulo*, Mais!, p. 10, 23, ago. 2009.
- MORAN, J. M. *Bases para uma educação inovadora*. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran>>. Acesso em: 12 abr. 2008.
- MOREIRA, M. A. Aprendizagem significativa crítica. Disponível em: <<http://www.if.ufrgs.br/~moreira>>. Acesso em: 26 jun. 2008.
- SAVATER, F. *A ética do amor-próprio*. São Paulo: M. Fontes, 2000.
- _____. *A importância da escolha*. São Paulo: Planeta, 2004.
- _____. *O grande labirinto*. São Paulo: Planeta Jovem, 2006.
- SILVA, O. S. F. Entre o plágio e a autoria: qual o papel da universidade? *Revista Brasileira de Educação*, v. 13, n. 38, 2008.
- TEDESCO, J. C. *O novo pacto educativo*. São Paulo: Ática, 2001.
- WEINBERGER, D. *A nova desordem digital*. Rio de Janeiro: Campus; Elsevier, 2007.

Recebido em 11 de fevereiro de 2010 e aprovado em 20 de abril de 2010.